

O peso do silêncio: feminismo e filosofia moral em *Pequenas coisas como estas*

*The weight of silence: feminism and moral philosophy
in Small things like these*

Matheus Cenachi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

cenachimatheus@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-5724-4845>

RESENHA

KEEGAN, Claire. *Pequenas coisas como estas*. Tradução de Adriana Lisboa. 1. ed.

Belo Horizonte: Relicário, 2024.

De todos os conflitos da história humana, possivelmente nenhum é tão originário quanto aquele travado entre o homem e a mulher. Nós podemos regredir milhares de anos e analisar inúmeras culturas. O que encontramos, porém, são imagens profundamente semelhantes aos dias atuais: um mundo pautado pelo silenciamento, pela dominação e, principalmente, pela desumanização do ser feminino. O patriarcado não só forjou uma realidade que impõe subalternidade à mulher, como conferiu ao feminino uma indignidade a nível ontológico, uma vez que a mulher foi expulsa do reino da humanidade. Ser humano é ser homem. Ser mulher... é qualquer coisa além disso. É ocupar o lugar da alteridade, da diferença. O lugar do *Outro* (Beauvoir, 2016).

Entretanto, desde o século XX, a luta feminista tem contado com um número cada vez mais expressivo de vozes que se recusam a silenciar diante da opressão. Nas artes literárias, são muitos os *fronts* de batalha capitaneados por figuras como Virginia Woolf, Chimamanda Ngozi Adichie e Sally Rooney, cada qual lançando mão de estratégias literárias e filosóficas distintas, mas com o mesmo objetivo: resistência. Dentre as publicações mais recentes, uma obra em especial se destaca, seja pela beleza de sua prosa

sintética, seja pela engenhosidade da narrativa que aguça o senso moral do leitor. Trata-se de *Pequenas coisas como estas*, de Claire Keegan.

Originalmente publicada em 2021, a obra chegou ao Brasil em agosto de 2024 pela editora Relicário. Com pouco menos de 130 páginas e dividida em sete capítulos, a história se desdobra em uma pequena cidade do sudoeste da Irlanda, New Ross, às vésperas do Natal de 1986. Aqui, a palavra que se acomoda à atmosfera narrativa é “melancolia”, porém não como afeto individual, mas condição coletiva. A realidade apresentada é cinzenta e débil. Embora persista, o povoado padece de uma grave crise econômica que naturaliza a precariedade. Não fossem os favores trocados entre si, as famílias mais pobres não levariam a vida com dignidade. A fome cresce nas penumbras do amanhecer, discreta, enquanto o frio rigoroso, como uma penitência esperada, castiga indiferentemente até os lares mais abastados.

A reação humana a tais condições é a letargia. Diante de tantas necessidades não supridas, sustentar qualquer chama interna de esperança torna-se uma tarefa virtualmente impossível. A alma atrofia. O corpo se condiciona a uma rotina linear, sem energia para gestos que escapem à lógica da sobrevivência. A graça da contemplação, assim, parece não ter recaído sobre os habitantes de New Ross: todos estão, de uma forma ou de outra, submetidos a um estado de torpor. Todos, exceto Bill Furlong.

Casado, pai de cinco meninas, o protagonista de *Pequenas coisas como estas* é um simples porém respeitado comerciante de carvão. Tido por seus pares como um sujeito amável e honesto, William Furlong conduz um negócio de médio porte, contando com a mão de obra de diversos homens – os “seus homens”, como diz em tom paternal –, sendo o responsável pelo abastecimento de combustível doméstico da região.

Em muitos sentidos, pode-se dizer que Bill é um homem bem-sucedido. Mesmo sua mulher, Eileen, o vê dessa forma. Não por ter acumulado riqueza ou gozar de prestígio, mas porque, dada a sua origem, construir e manter uma família, esquivando-se de dívidas e preservando seu caráter, é uma proeza. Diferente do que ocorreu com suas filhas, Bill não cresceu em um lar convencional, ao menos não o *seu*. Tampouco recebeu a educação ou o carinho da mesma forma que elas receberam.

William Furlong foi filho de mãe solo. Jamais soube quem foi seu pai. E aos 12 anos foi deixado também pela mãe, Sarah, cuja morte é mais uma entre tantas incógnitas que moldaram a mente do filho.

Em suma, desde o nascimento a vida de Bill é atravessada por ambivalências. De um lado, temos a rejeição: Bill vem ao mundo em um contexto de desamparo, pois sua mãe, tendo engravidado muito jovem, foi duplamente abandonada: primeiro, pelo pai da criança, depois, pela própria família. Aquilo que deveria estruturar a vida social se desmancha. As instituições que supostamente conservam o bem-viver em comunidade, como a família e a religião, revelam o seu avesso, crucificando as almas mais carentes. Por outro lado, de onde menos se espera surge a generosidade ou, em termos kantianos, a *boa vontade* (Kant, 2009), que visualiza no humilhado não um estigma a ser repelido, mas a urgência de agir.

Bill se afastou de um destino doloroso graças à única pessoa que olhou para sua mãe com benevolência: a Sra. Wilson. Viúva e protestante, ela acolheu Sarah Furlong, oferecendo teto, emprego e uma vida digna. O que a Sra. Wilson ofereceu ao menino em nenhum momento foi luxo ou vida fácil. Embora fosse uma mulher de posses, o que transmitiu foram bens espirituais. Como é de se esperar de uma criança órfã, Bill foi um menino caçado na escola, a ponto de chegar à casa com as roupas cobertas de cuspe. A Sra. Wilson, contudo, insistia:

“Tenha orgulho de si mesmo”, ela disse a ele. E por um dia inteiro ou mais, Furlong saiu por aí sentindo-se 30 centímetros mais alto e acreditando, no fundo de seu coração, que era tão importante quanto qualquer outra criança (Keegan, 2024, p. 20).

Considerando a ambientação da obra, fica claro o quão bela e promissora é a abordagem feminista de Claire Keegan. Ao escapar de algumas tendências, o objetivo da autora não consiste apenas na exposição do sofrimento feminino. Tampouco almeja atacar frontalmente o patriarcado, tomando a figura masculina como a encarnação do mal. Essas são estratégias de reflexão absolutamente necessárias e legítimas, razão pela qual tantas obras contemporâneas as replicam, como *Bela Vingança* e *Barbie*. Entretanto, como bell hooks nos mostra em *A vontade mudar: homens, masculinidade e amor*, a libertação feminina exige um olhar analítico voltado ao homem: seja porque ele é atingido pelo patriarcado, seja porque, enquanto principal agente dessa estrutura, deve reconhecer e abandonar a posição de poder que ocupa. E é precisamente esse objetivo do projeto literário de Keegan.

Em primeiro lugar, a obra nos lembra de que o filho de uma vítima do machismo também é uma vítima. Bill não sofre apenas os estilhaços de uma violência de gênero desferida contra a mãe. Ele é alvo dela: por vezes ele é tratado com inferioridade, como um homem pela metade, que não teve outra opção senão carregar o sobrenome da mãe.

Em segundo lugar, a novela consiste em um romance de formação moral. Bill Furlong é um sujeito simples, sem sonhos que ultrapassem o sustento da própria família. Ao mesmo tempo, como dito anteriormente, ele conserva uma consciência viva, que não se deixou inteiramente absorver pelo automatismo social.

Se há uma metáfora pulsante na obra, ela é a da percepção. Enquanto seus homens trabalham arduamente na carvoaria, ofício que por anos ele mesmo exerceu, Bill percorre quilômetros ao volante do caminhão para realizar as entregas da empresa. E é nesse deslocamento que lhe é dada a oportunidade de observar de perto as paisagens da Irlanda, bem como o tom cinzento que as envolve.

“Por que as coisas que estavam mais próximas eram com tanta frequência as mais difíceis de ver?” (Keegan, 2024, p. 60). Eis o tormento que condensa a jornada do protagonista. Afinal, prestes a completar 40 anos, Bill ainda não se conhece.

Sem dúvida, ele cumpre sua função. Bill provê. As mulheres de sua vida têm onde morar, o que vestir, e não deixam de receber presentes no Natal. Mas a que custo? Enquanto outros celebram a chegada das festas, o trabalho de Bill não cessa. A estafa é contínua. Nem mesmo na véspera de Natal ele se livra da solidão das manhãs, instante em que, à luz tímida do dia, passa a se interrogar sobre o sentido de tanta energia despendida. O máximo que a vida parece lhe reservar é a monotonia da exaustão: um estado que mal assegura o sustento do corpo e quase nada oferece ao bem-estar da alma.

O desenrolar da narrativa, entretanto, revela o oposto. Entre dúvidas e temores, Furlong, o bom homem estagnado, acaba por se deparar com o inaceitável. Em uma visita ao convento local, instituição abastecida por seu carvão, Bill acidentalmente encontra uma jovem trancafiada no galpão de carvão. Sem alimento, tremendo com o frio intenso, a moça jaz no chão, ao lado das próprias necessidades.

Para um homem criado pela mãe, pai de meninas, imagem alguma seria mais estarrecedora. A reação de Furlong, porém, é decepcionante.

Bill retira a moça do galpão e a aquece. Em seu íntimo, ardem a dor e a revolta diante das condições tão cruéis. Contudo, no instante em que se vê diante da esfera de

poder responsável por aquela violência, Bill recua. A Madre Superiora oferece explicações pouco convincentes sobre o confinamento da jovem e, utilizando-se de sua autoridade institucional, instaura uma atmosfera de constrangimento e ameaça velada. Sem acreditar no que lhe é dito, a ação de Bill não poderia ser mais realista: ele regressa ao trabalho, obediente, deixando a jovem sob os cuidados das freiras.

Utilizando uma linguagem simples e concisa, Keegan dispensa o excesso de adjetivos e advérbios para alcançar um efeito penetrante. Diante dos acontecimentos vividos por William, o leitor é conduzido a um estado de asfixia, que culmina em um pensamento tão aterrador quanto revelador: “Quantas pessoas ao meu redor agiriam como Bill? Quantos amigos e parentes, diante da possibilidade de interromper o sofrimento alheio, não se calariam?”. Certamente, muitas.

Em uma de suas pérolas, Keegan define William como um homem confinado às portas: “[...] não era verdade que passava a maior parte do seu tempo parado diante de uma ou de outra, esperando que fosse aberta?” (Keegan, 2024, p. 37). Com notável delicadeza, a metáfora estabelece o objeto central da obra: o movimento, a possibilidade da ação moral. O que imobiliza um homem? O que pode romper a paralisia? Quais são os instantes da vida interior que determinam nossas ações? A jornada de Bill se molda como uma resposta a essas perguntas.

Ao fim da narrativa, após dias de consternação, Bill retorna ao convento, e, para a confirmação definitiva do que mais temia, encontra novamente a jovem, que carrega, não por acaso, o mesmo nome de sua mãe, ainda padecendo sob o frio.

Desta vez, Bill é resoluto: ele retira a moça daquele lugar e a conduz à proteção de sua casa. Pela primeira vez em anos, sem se importar com a retaliação que sofrerá no futuro, Bill se sente feliz, profundamente: os murmúrios e olhares hostis que ele e Sarah recebem na rua não o atingem mais.

Ver e agir: eis os pedidos da moralidade, ambos negados pela comunidade de New Ross. Dentro e fora da ficção, o que ocorria nas Lavanderias de Madalena – instituições católicas que, por décadas, operaram em toda a Irlanda – era de conhecimento público. Sob o pretexto de acolher jovens consideradas “desencaminhadas”, esses espaços funcionavam como um ralo social. Famílias que descobriam a gravidez indesejada de suas filhas abandonavam-nas nessas instituições, que lhes impunham regimes de trabalho

forçado e, após o parto, separavam-nas de seus filhos, os quais eram enviados para a adoção sem o consentimento das mães.

Era a esse tipo de monstruosidade que Sarah estava submetida no convento. Uma realidade torpe que por pouco não se impôs também a outra Sarah, mãe de Bill.

Evidentemente, esses ecos entre passado e presente estão na base da construção moral de Furlong. Ele foi capaz de sobrepujar o medo e ignorar o conselho de amigos, que o alertaram sobre o perigo de se meter nos assuntos da Igreja, pois permitiu que o óbvio emergisse aos seus olhos: o que acontecia dentro dos muros do convento era assunto *seu*; se algo terrível se desenrolava lá, era sua responsabilidade agir, pois não existe diferença identitária entre ele e aquelas meninas. Compreendendo a si mesmo e sua origem, ele finalmente se encontra naquela situação, e não agir se torna intolerável.

Pequenas coisas como estas foi incluído na lista dos 100 melhores livros do século XXI do New York Times. A novela de Keegan honra as “inúmeras madalenas” que se perderam na Irlanda, ao mesmo tempo que nos faz reconsiderar cada atitude falha que tomamos, hoje. Certamente, é uma peça de altíssimo valor literário e filosófico, que deve ser colocada ao lado de *Crime e castigo*, *O estrangeiro* e *O conto da aia*.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Tradução de Ana Deiró. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BARBIE. Direção: Greta Gerwig. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2023.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BELA VINGANÇA. Direção: Emerald Fennell. Estados Unidos: Focus Features, 2020.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. 1. ed. São Paulo: Barcarolla, 2009.

KEEGAN, Claire. *Pequenas coisas como estas*. Tradução de Adriana Lisboa. 1. ed. Belo Horizonte: Relicário, 2024.

HOOKS, bell. *A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor*. Tradução de Manu Quadros; Lubi Prates. São Paulo: Editora Elefante, 2025.

Recebido em: 11/02/2026

Aceito em: 25/04/2026

Matheus Cenachi: Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Pós-graduado em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas, 2024. Mestrando em Estudos da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.